



DOSSIÊ – TEXTO COMO TECIDO DA CULTURA

Figurações da doença na obra literária – um estudo de “Niobe”

Representations of Illness in Literary Work – A Study of ‘Niobe’

Figuraciones de la enfermedad en la obra literaria - Un estudio de ‘Niobe’

Márcia Maria de Medeiros¹

orcid.org/0000-0002-1116-986X
medeirosmarciamaria@gmail.com

Douglas Junio

Fernandes Assumpção²
orcid.org/0000-0001-5048-6692
rp.douglas@hotmail.com

Nicole Rodrigues de Magalhães¹

orcid.org/0000-0002-0055-5837
nicolemagalhaes10@gmail.com

Recebido em: 19 maio 2024.

Aprovado em: 29 jun. 2024.

Publicado em: 16 out. 2024.

Resumo: A literatura pode ser entendida como um espaço que revela muito sobre a forma de ver o mundo e sobre a forma de ser no mundo em um determinado momento histórico. Ela pode servir como parâmetro, inclusive, para a compreensão de como uma sociedade encara o processo de saúde e doença nesse determinado momento. No caso específico deste artigo, a pesquisa compreendeu como o conto de Coelho Netto intitulado “Niobe” informava sobre os tratamentos das pessoas acometidas pela hanseníase. A pesquisa realizada foi qualitativa, de caráter exploratório e documental, utilizando como base para sua análise artigos publicados em língua portuguesa disponíveis no Portal de Periódicos da Capes, publicados entre os anos de 2018 e 2023. A análise do conto foi feita à luz da perspectiva proposta por Roland Barthes (2013). Conclui-se que a narrativa mostra que os sujeitos doentes de hanseníase eram segregados socialmente. Essa marginalização alcançava também a família dos doentes. Destarte, observa-se que se criava um estigma em torno da doença, cuja lógica de construção discursiva culpabilizava a pessoa enferma.

Palavras-chave: hanseníase; literatura brasileira; Coelho Netto.

Abstract: Literature can be understood as a space that reveals much about the way of seeing the world and being in the world at a certain historical moment. It can serve as a parameter, even, for understanding how a society viewed the process of health and disease. In the specific case of this article, the research focused on how a short story authored by Coelho Netto, named “Niobe”, informed about the treatment of people affected by leprosy. To this end, it relied on a short story authored by Coelho Netto, entitled “Niobe.” The research conducted was qualitative, exploratory, and documentary in nature, using articles published in Portuguese available on the CAPES Periodicals Portal, published between the years 2018 and 2022 as a basis for its analysis. The analysis of the short story was done in light of the perspective proposed by Roland Barthes (2013). It is concluded that the narrative shows that individuals suffering from leprosy were socially segregated. This marginalization also extended to the families of the patients. Thus, it is observed that a stigma was created around the disease, whose logic of discursive construction blamed the sick person.

Keywords: Leprosy; Brazilian Literature; Coelho Netto.

Resumen: Puede entenderse la literatura como un espacio que revela mucho sobre la forma de ver el mundo y sobre la forma de ser en el mundo de un determinado momento histórico. Puede servir como parámetro, incluso, para la comprensión de cómo una sociedad enfrentaba el proceso de salud y enfermedad. En el caso específico de este artículo, la investigación comprendió cómo el cuento escrito por Coelho Netto, titulado “Niobe” informaba sobre los tratamientos de las personas afectadas por la lepra. Para ello, se basó en el cuento escrito por Coelho Netto, titulado “Niobe”. La investigación realizada fue cualitativa, de carácter exploratorio y documental, utilizando como base para su análisis artículos publicados en lengua portuguesa disponibles en el Portal de Periódicos de la CAPES, publicados entre los años 2018 y 2023. El análisis del



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil.

² Universidade da Amazônia, Belém, Pará, Brasil.

cuento se realizó a la luz de la perspectiva propuesta por Roland Barthes (2013). Se concluye que la narrativa muestra que los sujetos enfermos de lepra eran segregados socialmente. Esta marginación también alcanzaba a la familia de los enfermos. Por lo tanto, se observa que se creaba un estigma en torno a la enfermedad, cuya lógica de construcción discursiva culpaba a la persona enferma.

Palabras clave: hanseniasis; literatura brasileña; Coelho Netto.

Introdução

Em artigo produzido em 2018, Martino indica que a literatura pode ser utilizada como documento histórico que se constitui capaz de fornecer indícios sobre as formas como uma determinada época produz sentido em relação à sua realidade cotidiana. Nas palavras do autor: “[...] a literatura pode ser considerada um documento histórico, passível de interpretação e análise, vista como uma versão de determinado fato ou momento, que depende da visão do autor que a produziu” (Martino, 2018, p. 72).

Susan Sontag (1987) indica que a tarefa de interpretar um texto literário é praticamente a mesma daquela realizada por um tradutor. Nesse processo, entrelaçam-se as questões relativas à realidade de um determinado período e, em relação a essa realidade, a literatura constrói a sua *mimesis* e, a partir dessa verdade, elaboram-se interpretações. Para a autora:

Portanto, a interpretação não é (como supõe muitos) um valor absoluto, um ato do espírito situado em algum reino intemporal das capacidades. A interpretação também precisa ser avaliada no âmbito de uma visão histórica da consciência humana (Sontag, 1987, p. 15).

Essa lógica anuncia o texto literário como produto de um discurso subjetivo que é construído a partir da narrativa proposta por quem escreve o texto e que pode estar correlacionada com o cotidiano social do qual esse sujeito é participante (Goldmann, 1967). É a partir desse olhar que o presente artigo busca analisar como o conto “Niobe”, de autoria de Coelho Netto, apresenta questões relativas à manifestação da doença, em específico a hanseníase.

Esse objetivo motivou as seguintes pergun-

tas a serem respondidas pela pesquisa: como a literatura brasileira da década de 1920 informava sobre os tratamentos indicados para a hanseníase? Quais eram as questões sociais que envolviam as pessoas enfermas no que se refere à discriminação de que eram alvo? Como elas surgem no texto? A leitura do conto de Coelho Netto permite perceber se houve rupturas em relação ao discurso sobre a hanseníase entre os séculos XX e XXI?

Para melhor apresentação dos dados da pesquisa, o presente artigo segue dividido em três partes distintas. No primeiro, apresentam-se dados biográficos sobre Coelho Netto, demonstrando a importância da sua obra no conjunto da literatura produzida em língua portuguesa. Em um segundo momento, o texto apresenta a análise do conto “Niobe” articulada aos conceitos de *mathesis*, *mimesis* e *semiosis*, conforme enunciados por Roland Barthes (2013). A escolha por esse referencial se justifica porque, considerando a força de representação da literatura (Barthes, 2013), tornou-se possível alcançar a compreensão de como a sociedade brasileira do início do século XX construía as representações que envolviam as pessoas com hanseníase e como se davam as relações sociais em torno desses sujeitos, especialmente em relação à estigmatização de que eram alvo.

Em um terceiro momento, apresentam-se as considerações finais sobre os achados da pesquisa, evidenciando-se a capacidade que o texto literário possui no sentido de produzir significados com os signos que constituem as palavras, conforme indica Roland Barthes (2013), possibilitando o entendimento de como se cristalizaram determinantes sociais em saúde que abarcavam as pessoas acometidas pela hanseníase.

Coelho Netto – apontamentos biográficos

Henrique Maximiano Coelho Netto (1864-1934) foi um escritor brasileiro, nascido em Caxias, no interior do Maranhão. Filho do português Antônio da Fonseca Coelho e da indígena Ana Sylvestre Coelho, mudou-se com a família para o Rio de

Janeiro quando tinha seis anos de idade. Destarte, pode-se dizer que Coelho Netto se apresenta como uma espécie de herdeiro de dois mundos: seu pai pertencia ao universo cultural europeu e colonizador; sua mãe trazia os matizes da cultura indígena, os quais permearam a vida do autor e, de certa forma, podem ser entrevistados em sua obra literária³.

A partir dos estudos domiciliares, Coelho Netto teve contato com clássicos portugueses e latinos através de seu tio, Manoel Rezende da Fonseca, o que influenciou no seu interesse pela literatura (Bordignon, 2020). Após essa formação inicial, Coelho Netto estudou no Externato do Colégio Pedro II, onde realizou os exames preparatórios pelo chamado Curso de Humanidades. Em 1882, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, mas logo abandonou o curso (Academia Brasileira de Letras, 2024; Bordignon, 2020).

Um ano depois, ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo. Nesse período, passou a publicar no jornal acadêmico *A Onda*, periódico de cunho abolicionista, e envolveu-se em um grupo de estudantes que protestou contra um professor. Com o intuito de evitar retaliações, transferiu-se para Recife, onde concluiu o primeiro ano do curso de Direito (Academia Brasileira de Letras, 2024; Bordignon, 2020; Moraes, 2016). Em 1884, retornou para São Paulo e terminou o segundo ano, desistindo da graduação em seguida. Coelho Netto não seguiu as expectativas impetradas pela sua família, principalmente pelo pai, que trabalhava com comércio e considerava a obtenção do diploma um meio de ascensão social (Bordignon, 2020).

Acredita-se que um dos motivos que levou o autor a abandonar seus estudos foi o envolvimento com o movimento abolicionista e republicano. Esse processo teria feito com que o jovem Coelho Netto entrasse em conflito com o corpo docente do curso de Direito. Retornando ao Rio de Janeiro em 1885, Coelho Netto entrou em contato com José do Patrocínio, um dos principais ativistas

em prol da abolição da escravatura no País. Ele exerceu grande influência na trajetória do escritor maranhense, viabilizando sua atuação como jornalista na *Gazeta da Tarde* e, posteriormente, em *A Cidade do Rio*. Coelho Netto agrupou-se com Guimarães Passos, Luís Murat, Olavo Bilac e Paula Ney, de modo que as vivências do boêmio literário da época são retratadas em seu romance *A Conquista*, de 1899 (Academia Brasileira de Letras, 2024; Bordignon, 2020; Lopes, 1997).

Em 1890, Coelho Netto casou-se com Maria Gabriella Brandão, filha do educador e político Alberto Olympio Brandão. A posição social privilegiada do sogro favoreceu a sua nomeação para alguns cargos importantes, como Secretário de Governo no atual estado do Rio de Janeiro e, em ano subsequente, Diretor dos Negócios do Estado, da Justiça e Legislação. Em 1892, devido ao autoritarismo do presidente Floriano Peixoto e à instauração do estado de sítio, o escritor deixou a ocupação política e foi designado professor de História da Arte na Escola Nacional de Belas Artes (Bordignon, 2020).

Após ter sido professor efetivo de Literatura do Ginásio de Campinas, de 1901 a 1904, Coelho Netto retornou ao Rio de Janeiro, onde foi nomeado professor interino de Literatura do Externato do Pedro II em 1907, efetivado em 1909, sem a necessidade de concurso (Academia Brasileira de Letras, 2024; Bordignon, 2020). Em 1910, foi nomeado professor e diretor de História do Teatro e Literatura Dramática da Escola Dramática Municipal. Retornando à esfera política, foi eleito deputado federal pelo Maranhão em 1909 e, em 1917, reeleito. Também participou da fundação da Liga de Defesa Nacional, atuando como secretário-geral de 1919 a 1922 (Bordignon, 2020).

É importante citar que, entre 1892 e 1893, Coelho Netto publicou textos em diversos jornais, sob o uso de pseudônimos. Esses escritos, disfarçados como conteúdo voltado ao público feminino e repletos de analogias para driblar a censura pelo governo, apontavam o descontenten-

³ Não é objetivo deste artigo abordar essa influência na obra de Coelho Netto, mas ela fica evidente em textos como "Traição", publicado na coletânea "Contos da Vida e da Morte", de 1927. O cenário desta narrativa é o interior do Amazonas e as personagens são representadas pela população ribeirinha. Termos como "caboclo", "cafusa" e "biraia" (anuindo a uma mulher que pode ser considerada má, uma megera) são utilizados na construção da história.

tamento do escritor com o cenário político da época (Carvalho, 2009; Moraes, 2004). Em 1891, publicou *Rapsódias*, seu livro de estreia; em 1893, *A Capital Federal*, seu primeiro romance. Desde então, dedicou sua vida à literatura. Sua obra, fruto da rigorosa disciplina e produtividade do autor, foi muito popular e respeitada, apesar do desprezo de intelectuais como Lima Barreto e Oswald de Andrade em relação aos seus escritos (Braga-Pinto, 2022; Lopes, 1997; Moraes, 2016).

Ao longo de sua carreira, Coelho Netto aventurou-se por diversos gêneros literários e publicou mais de cem livros. Com o seu próprio nome ou um de seus pseudônimos (por exemplo, Anselmo Ribas e Caliban), ele também divulgou suas produções literárias em vários periódicos. Consagrado na literatura brasileira por sua obra, já foi considerado o escritor mais lido do País (Academia Brasileira de Letras, 2024). Coelho Netto foi membro-fundador da Academia Brasileira de Letras, ocupou a cadeira de número 2 e foi eleito presidente da ABL em 1926. Em 1932, foi indicado pela instituição ao Nobel de Literatura de 1933 (Braga-Pinto, 2022; Lopes, 1997).

O autor também recebeu o título de "Príncipe dos Prosadores Brasileiros" em um concurso promovido pela revista carioca *O Malho* em 1928 (Carvalho, 2009). No entanto, apesar do destaque momentâneo, o escritor maranhense foi um dos maiores alvos de críticas por parte do movimento modernista (Carvalho, 2009; Moraes, 2004; Moraes, 2016). As principais críticas à literatura coelhonetiana centravam-se no vocabulário rebuscado e copioso e no emprego de arcaísmos, bem como no ecletismo estético que permeava a sua obra. Ao declarar-se "o último heleno", durante a discussão tumultuada em que Graça Aranha rompia com a ABL, em 1924, Coelho Netto foi condenado ao papel de defensor da tradição literária e, logo, rechaçado pelos modernistas (Lopes, 1997).

Sua produção literária acabou no ostracismo, mas o autor tem sido redescoberto pelos críticos literários, sendo vinculado ao estilo gó-

tico (Carvalho, 2009; Silva, 2021; Vazquez, 2022). Conforme o artigo de Silva (2021), que analisa o romance *O Rei Fantasma*, de 1895, as poéticas góticas e decadentes que marcam a escrita de Coelho Netto revelam as preocupações da época quanto às mudanças sociais advindas da modernidade. Igualmente, Vazquez (2022) afirma que os contos regionalistas do escritor maranhense utilizam elementos da literatura gótica, como o sobrenatural e o horror, para abordar questões sociais complexas.

De acordo com Silva (2014), o gótico brasileiro, a partir da representação da doença, pretendia difundir os princípios da elite na República Velha (1889-1930) diante de um Brasil marcado pela herança colonial e escravocrata, além de retratar a transição da literatura brasileira rumo ao Modernismo. Uma das maiores contribuições nesse sentido é a obra *Contos da vida e da morte* (1927), na qual se destaca o conto em análise neste artigo, intitulado "Niobe".

A doença no discurso de Coelho Netto

O conto "Niobe" retrata a história de uma mãe que presencia, gradativamente, seus filhos serem acometidos pela hanseníase. A princípio, a doença é percebida por ela em função de lesões cutâneas que se manifestam em seu filho primogênito. Diante disso, os pais levam a criança para uma consulta médica, em que o diagnóstico é confirmado. O médico, então, indica o isolamento como medida de profilaxia, a fim de que os demais irmãos não sejam infectados pela doença.

Nesse cenário inicial, o autor descreve minuciosamente a manifestação da hanseníase no primeiro filho do casal, por meio de "[...] manchas pardacentas pelo corpo, placas, vultuosas como inchaços de contusões, tumefacção das faces e do lóbulo das orelhas, as mãos papudas, pálpebras tumentes e uma cor térrea na pele seca e fosca" (Coelho Netto, 1927, p. 31)⁴. A partir desse trecho, observa-se a capacidade da literatura de abranger os saberes biomédicos da época, apontando os sinais clínicos que eram avaliados

⁴ Neste artigo, optou-se pela grafia do texto de acordo com a nova ortografia da língua portuguesa.

para identificar a doença. Isso segue a premissa de Barthes que norteia a *mathesis* e que anuncia: “todas as ciências estão presentes no monumento literário” (Barthes, 2013, p. 8).

Portanto, no contexto barthesiano, à medida que o texto literário se constrói, ele pode se tornar uma expressão da realidade “verdadeiramente enciclopédica” (Barthes, 2013, p. 19), que permite o alcance de uma série de conhecimentos, os quais se passam por insuspeitos e autorizam uma forma de instrução presumível e menos engessada, mas nem por isso mais pobre em termos de articulação dos saberes.

A *mathesis* indica o saber enciclopédico do qual a literatura se utiliza para construir o seu discurso, sem se preocupar em fetichizar esse saber (Barthes, 2013). Nesse sentido, pode-se dizer que, em que pese o texto de Coelho Netto andar a par e passo com o que o discurso científico da época conhecia em relação à doença, o texto literário não se coloca como um receptáculo da verdade. Ele diz que “[...] sabe de alguma coisa, ou, melhor, que [...] sabe algo das coisas” (Barthes, 2013, p. 19).

Tanto isso é fato que, nas linhas iniciais do conto, a doença que atinge a criança, e que a descrição faz entender ser a hanseníase, não recebe nome; ela é identificada como “o mal”⁵. Sabe-se tratar da hanseníase porque o discurso que oferece o diagnóstico abre espaço para essa interpretação. Aliás, esse discurso é utilizado ainda hoje ao se observar a Caderneta de Saúde da Pessoa Acometida pela Hanseníase, a qual anuncia:

Manchas esbranquiçadas (que lembram “pano branco”) e/ ou placas bem delimitadas, avermelhadas ou amarronzadas (que lembram “impingê”). Nessas manchas e placas, a sensação de calor ou frio, dor ou o toque estão alteradas em relação à pele sadia (Brasil, 2020, p. 22).

O conto infere também qual o tipo de tratamento indicado no Brasil do início do século XX, estabelecendo o que era de consenso no meio científico: o controle da hanseníase se limitava à

retirada dos doentes do convívio social (Monteiro, 2003). Em relação ao estado do Maranhão, onde se passa o conto, as políticas públicas voltadas à doença careciam de recursos e organização, de modo que restava aos enfermos o abrigo em asilos de estrutura precária e insuficiente. Porém, a abordagem era distinta para as pessoas com maior poder aquisitivo: dispunham do sigilo médico para enfrentar a progressão da hanseníase de maneira reservada (Leandro, 2009).

Isso se reflete na conduta do profissional de saúde do texto, uma vez que o filho é transferido para a casa da avó, em Pastos Bons, evitando o impacto social que a revelação do diagnóstico traria à família. Igualmente, a transferência do menino para o interior maranhense causa revolta nos demais irmãos, já que nem mesmo o próprio doente tinha consciência de seu estado de saúde e, por isso, via a partida para a fazenda como um privilégio:

O enfermo rejubilou-se com a notícia e os irmãos, não compreendendo que só a ele dessem tal regalo, amuaram revoltados.

Com a partida do menino a casa cerrou-se em melancolia como se nela houvesse morrido alguém. Sentindo-lhe a falta os irmãos encorajaram-se rezingando contra o que lhes parecia preferência injusta (Coelho Netto, 1927, p. 32).

Esse quadro sofreu uma alteração no que se refere ao período de tempo que o conto em análise retrata (início do século XX) e às questões relativas à doença no século XXI. O avanço da ciência e do conhecimento médico acabou por proporcionar às pessoas acometidas pela hanseníase uma série de benefícios, tais como: tratamento por antibióticos denominado poliquimioterapia (PQT); orientações para o autocuidado; direito à participação na mobilização e no controle social a partir dos “[...] movimentos sociais para a reintegração das pessoas atingidas pela hanseníase” (Brasil, 2020, p. 56).

Entretanto, ainda se percebe a presença da discriminação social em relação a essa enfermidade, pois o texto da Caderneta de Saúde da Pessoa Acometida pela Hanseníase apresenta

⁵ “Tinha Alice sete anos quando o mal se manifestou em seu irmão mais velho” (Coelho Netto, 1927, p. 31). “Como se tratava de uma criança e o mal estava ainda em começo, enfim... podia ser...” (Coelho Netto, 1927, p. 32). Grifos nossos.

informações sobre o conceito de estigma indicando que, no caso dos doentes de hanseníase, “[...] o estigma se desenvolveu ao longo de muitos anos de superstições e enganões, estabelecendo discriminação e exclusão social desde o seu aparecimento, em virtude dos mitos sobre sua transmissão e cura” (Brasil, 2020, p. 25).

Nesse ponto do conto de Coelho Netto, é possível fazer inferência à ideia de *mimesis* conforme indicada por Roland Barthes (2013). Para este autor, o termo se refere à força de representação que o texto literário possui, ou seja, “[...] a literatura se afaina na representação de alguma coisa” (Barthes, 2013, p. 22). Essa “alguma coisa” pode ser denominada de “realidade”, que, mesmo sendo impossível de ser representada em sua totalidade, pode ser expressa através dos constructos da linguagem utilizados pelo texto literário para expressão de ideias em relação a determinados processos.

Barthes (2013) entende que o real não é algo que se possa representar, mas é pela vontade que o ser humano tem de representá-lo que se articula o texto literário, ou seja, a literatura usa do discurso, daquilo que o autor nominou “expedientes verbais” (Barthes, 2013, p. 23), para tentar alcançar o impossível, que é justamente a representação da realidade. Por isso, é possível afirmar que *mathesis* e *mimesis* conferem ao texto literário uma força de verossimilhança, que o carrega com a premissa de tornar possível a identificação com determinados atos, processos e ações.

Eis o que é posto na atitude da mãe, temerosa de que seu filho estivesse além da perspectiva de cura, bem como na maneira piedosa do médico de revelar a notícia aos pais. Esses trechos denotam que não havia esperança para a pessoa doente e, conseqüentemente, a enfermidade era tida como uma sentença de morte: “O resultado do exame foi afirmativo. Os pais encararam-se aturdidos, sem uma palavra, com os olhos rasos d’água. O médico, porém, por piedade deu-lhes uma vaga esperança” (Coelho Netto, 1927, p. 31-32). Nesse contexto, não restava alternativa senão o isolamento social.

Além disso, o conto também ilustra a ideia popular de que a doença era associada à pobreza e à miséria. Em uma conversa do casal sobre as possíveis fontes de contágio, eles concluem que não há casos suspeitos entre seus familiares e conhecidos, cogitando que a origem do mal tenha sido algum objeto contaminado: “Como teria ele adquirido aquela horrível doença? [...] nunca, por sua mão, dera esmola a pobre. Talvez alguma moeda ou outro objeto qualquer de procedência infecta” (Coelho Netto, 1927, p. 32).

Esse trecho se respalda no fato de que muitas pessoas doentes de hanseníase mendigavam nas cidades – sendo vistas como uma ameaça à população sadia –, já que as instituições de caridade não supriam suas necessidades básicas (Leandro, 2009; Monteiro, 2003). Novamente aí se percebe a ideia de estigmatização que acompanha a doença e que leva à “[...] diminuição da pessoa aos olhos da sociedade e, possivelmente, aos olhos dela mesma” (Brasil, 2020, p. 24).

Atualmente, como se percebe pelo texto da Caderneta de Saúde da Pessoa Acometida pela Hanseníase, esse tipo de atitude discriminatória é combatido através de diversas medidas, que envolvem: a promoção de entendimento sobre a doença com o intuito de desconstruir o discurso estigmatizador; a garantia dos direitos dos doentes assegurados pela Constituição Federal de 1988; e a garantia de acesso gratuito à assistência jurídica em caso de necessidade em respeito à integridade e à dignidade humanas (Brasil, 2020).

Vale ressaltar que o conto não apresenta nenhuma informação sobre as formas de contágio, além de enunciar a ideia de que a doença estaria relacionada às pessoas pobres ou a objetos contaminados. Atualmente, sabe-se que a hanseníase é transmitida através do “[...] **contato próximo e prolongado** com pessoas doentes que não estejam em tratamento. O contágio se dá por meio de **fala, tosse ou espirro**” (Brasil, 2020, p. 23). Ponto importante e que ajuda a elucidar dúvidas sobre a transmissão da doença está na explicação sobre como a hanseníase não se propaga: através do contato (aperto de mão, abraço, beijo); através do uso de talhares, copos, pratos, alimentos e

roupas, etc. (Brasil, 2020, p. 24).

À medida que o conto de Coelho Netto avança, a piora do quadro clínico escancara a doença aos olhos de todos, e torna-se impossível esconder do primogênito a verdade sobre o seu estado de saúde. Em vão, a criança clama por atendimento médico por conta do intenso sofrimento físico:

As notícias que chegavam da fazenda eram cada vez mais lúgubres e desanimadoras: a devastação progredia de modo a não ser mais possível esconder a verdade e o menino, ao sentir-se inchar e abrir-se-lhe o corpo em úlceras, que exsudavam um cerúmen asqueroso, tinha crises frenéticas pedindo, a brados, que o reconduzissem aos pais para que o examinasse um médico e o curasse daquelas feridas (Coelho Netto, 1927, p. 33).

Percebe-se no texto que o sofrimento da criança é aumentado pela sensação de abandono. O isolamento social que a doença impôs afastou-o do convívio dos pais e dos irmãos, retirando-lhe do contexto ao qual estava acostumado. O que inicialmente parecia uma notícia alvissareira tornou-se um cruel castigo imposto pela doença, que marcou o seu corpo e sua trajetória de vida, condenando-o ao ostracismo.

Então, o segundo filho começa a apresentar os sinais da hanseníase, dessa vez descritos pelo autor como “[...] prurigem, irritação da pele e caspa furfurácea que se lhe despegava do corpo. [...] manchas pastosas, a tumidez das pálpebras, o inflado das faces e das orelhas, o esquarroso da fronte, a edemacia sintomática e a cor de cera” (Coelho Netto, 1927, p. 33).

Diante dessa constatação, a mãe fica devastada. Observa-se que a reação dela perante o adoecimento de ambos os filhos é ligada à religiosidade. Enquanto a mãe recorre a juramentos para a cura do primeiro, ela relaciona a manifestação da hanseníase no segundo a um castigo divino. No último caso, a suposição dela fundamenta-se na imagem histórica e bíblica da doença como uma punição advinda do pecado dos pais.

Assim, a partir de outra força da literatura, a *semiosis*, nota-se que o texto literário é capaz de explorar os signos atribuídos às palavras (Barthes, 2013), especificamente o substantivo “lepra”, e revelar os estereótipos veiculados na época em

relação a esta enfermidade, como se percebe a partir deste jogo de palavras: “Era um castigo do céu, mas por quê? Dois filhos, dois! Por quê?” (Coelho Netto, 1927, p. 33).

Barthes (2013, p. 29-30) indica que a terceira força da literatura está justamente em sua potência semiótica, que “[...] consiste em *jogar* com os signos em vez de destruí-los, em colocá-los numa maquinaria da linguagem cujos breques e travas de segurança arrebentaram”, permitindo, pois, articular uma desconstrução da linguística propriamente dita, para ampliar de forma mais premente o poder do texto literário em si.

A *semiosis* atravessa a figura materna quando ela presume que a doença pode ter sido fruto da feitiçaria supostamente praticada pelos negros escravizados, mas a suspeita não é confirmada após espioná-los. Através de tal alegação, percebe-se que o autor exhibe o discurso hegemônico do período; há que considerar a ancestralidade de Coelho Netto e a importância que o movimento abolicionista teve em sua trajetória, articulado, pois, a um contexto histórico herdeiro do período escravista que ainda se fazia sentir na literatura.

Nesse sentido, o trabalho de Silva (2014, p. 149) denota que “[...] o contexto escravocrata de “Niobe” traz à mente o passado de pecados, sofrimentos e maldições do Brasil colonial que pode se refletir no presente na manifestação da lepra nas gerações seguintes, infundindo uma dimensão sobrenatural a esta moléstia deformante”.

Enquanto isso, sua filha Alice é descrita como uma jovem saudável e cada vez mais bela, de modo que o outro irmão é levado para o campo a fim de protegê-la do contágio. A maneira como Coelho Netto relata a situação enfatiza que a partida do segundo filho não era temporária, mas, sim, uma medida definitiva de exclusão social. A concepção de que o isolamento era o único meio capaz de impedir a disseminação da doença alicerçava a ideia de que ela representava uma morte social, perceptível neste trecho: “Não eram propriamente enterros que d’ali saíam, mas vidas rejeitadas, lixo, refugio humano e a fazenda [...] tornou-se um cemitério onde os dois infelizes exilados apodreciam [...]” (Coelho Netto, 1927, p. 34).

Essa rigorosa distinção entre o mundo sadio e o doente desdobrava-se no âmbito físico, com a separação completa dos pertences dos irmãos e a restrição do espaço destinado a eles; e no âmbito social, pela repulsa e pelo medo das outras pessoas de compartilharem objetos ou alimentos manipulados por eles. Tendo isso em vista, o modelo de segregação que embasa o funcionamento dos leprosários também se faz presente no isolamento domiciliar. Até mesmo a presença do irmão mais velho se assimila ao contato constante que os internos tinham com outros doentes de maior complexidade, sendo que as deformidades e a incapacidade física representavam um lembrete de que a progressão da hanseníase era inevitável.

É na forma como as mulheres negras escravizadas percebiam os doentes que se constata a ideia da segregação, pois elas eram as responsáveis por atender as necessidades dos dois irmãos doentes e não o faziam sem reclamações. O medo do contágio afetava a todas as pessoas que conviviam com os irmãos:

As negras evitavam-nos com asco e, como a senhora ordenara que separassem tudo que lhes pertencesse: a louça, os talheres, a roupa de cama, quando os serviam ou retiravam trouxas de roupa suja do quarto que eles ocupavam era sempre com muxoxos e resmungos de repugnância (Coelho Netto, 1927, p. 34).

Mesmo a avó, única pessoa que ainda os acolhia de forma carinhosa, fazia-o sempre a "cuspir de lado" (Coelho Netto, 1927, p. 34). No livro de Deuterônimo, capítulo 25, versículo 9 (Bíblia Sagrada, 2024), o ato de cuspir está associado à ideia de rejeição e de repulsa, pois o texto enuncia: "Então sua cunhada se chegará a ele: aos olhos dos anciãos, e lhe descalçará o sapato, e lhe cuspirá no rosto, e protestará e dirá: assim se fará ao homem que não edificar a casa do seu irmão".

A fazenda dos avós assumiu a dimensão de um sanatório para abrigar os irmãos doentes, aos moldes do que era vigente no contexto da saúde pública no Brasil do início do século XX. Os meninos ficavam isolados do resto das pessoas e tinham apenas a companhia um do outro como

elemento que conferia algum consolo:

E lá andavam eles no espaço que, por uma cerca, lhes fora limitado no pomar, cujos frutos ninguém se atrevia a comer, com medo de que eles os houvessem tocado.

Eram duas carniças ambulantes, fanhoseando conversas, rindo com os dentes em bordos de feridas e os olhos carcomidos esputando lágrimas cerosas (Coelho Netto, 1927, p. 34).

Apesar das visitas esporádicas dos pais, os filhos já tinham vergonha e receio do mundo exterior, distanciando-se física e afetivamente deles. O retorno dos pais à cidade era rápido, pois o pai tinha medo de que, comovida, a mãe se aproximasse dos meninos e levasse a doença para o lar, infectando a filha. Nesse sentido, a obra retrata como as repercussões sociais do adoecimento desumanizam, culpabilizam e desapossam os doentes de seus laços afetivos, restando apenas esperar pela morte. Essa mesma lógica se aplica aos leprosários: os enfermos eram mantidos longe da população, desde o diagnóstico até a morte, sem qualquer expectativa de retorno à sociedade sadia.

Anos depois do acometimento do primeiro filho, numa manhã, a mãe entra no quarto de Alice, pensando que ela ainda estava dormindo, e se depara com a filha examinando-se no espelho. Então, a mãe descobre que a filha busca, todos os dias, encontrar sinais da doença que aflige seus irmãos. Embora o diagnóstico e a evolução dos irmãos tenham sido mantidos em sigilo pela família, a jovem afirma que as pessoas a tratam de forma diferente desde que eles foram para o interior, o que a fez desvendar a motivação para tal:

- Que estou fazendo... Então mamãe pensa que eu não sei? Estou vendo se o mal dos meus irmãos já me chegou. Todos os dias examino-me. Todos os dias. Sei que ele há de vir. Espero-o. Que hei de fazer? Deus assim quer.

- Mas quem te disse? Quem? - rugiu a desgraçada mãe.

- A mim? Quem me disse? Mas todos sabem, mamãe. Por que é que eu não quero ir a parte alguma? Porque noto que todos me evitam, que tem medo e nojo de mim, porque trago no sangue o mal dos meus irmãos (Coelho Netto, 1927, p. 36).

Portanto, o conto demonstra que o estigma

atribuído à hanseníase ultrapassa o doente, atingindo seus familiares. Alice admite que espera o momento em que a doença se apossará de seu corpo, revelando a “maldição da lepra” que ela carrega em seu sangue – novamente a manifestação da doença é atrelada a uma punição divina. Por fim, a mãe fica arrasada e não consegue lidar com a triste sina. Desse modo, a hanseníase é representada como uma doença carregada de culpa e sofrimento, em que a suposta imoralidade dos indivíduos acometidos justifica as medidas de exclusão social impostas a eles.

É importante ressaltar que, no Maranhão, o isolamento compulsório só foi implementado após a consolidação dos hospitais-colônia e do fortalecimento das políticas públicas excludentes relacionadas à doença (Leandro, 2009). O livro, publicado em 1927, não engloba as circunstâncias relacionadas à internação obrigatória instituída na década de 1930, mas narra as ideias que antecedem e sustentam esse modelo de segregação. Isso segue a afirmação de Barthes de que “[...] a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta [...]” (2013, p. 9).

Lembra-se que na década de 1930, sob o governo de Getúlio Vargas, o Brasil passou por importantes transformações nas orientações médicas e de saúde pública. Vargas, que assumiu o poder em 1930 e consolidou seu governo durante o Estado Novo (1937-1945), promoveu reformas significativas para modernizar o País e melhorar a saúde da população. O governo implementou reformas sanitárias para controlar doenças endêmicas e melhorar as condições de saúde, criando o Departamento Nacional de Saúde em 1930 e o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) em 1942 (Lima, 1996).

A educação médica foi modernizada com a atualização dos currículos e a criação de novas escolas de medicina, introduzindo disciplinas como higiene e saúde pública. Políticas de saneamento básico foram intensificadas, especialmente em áreas urbanas, com campanhas de controle de doenças como febre amarela, malária e tuberculose. Além disso, a criação do Ministério do

Trabalho, Indústria e Comércio e a promulgação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) em 1943 garantiram direitos trabalhistas, incluindo benefícios relacionados à saúde, como licença médica remunerada (Hochman, 1998).

Fausto (2022) relata que essas iniciativas reduziram a incidência de várias doenças, melhoraram as condições sanitárias e prepararam o terreno para um sistema de saúde mais organizado. As reformas também contribuíram para a modernização da medicina no Brasil, estabelecendo bases importantes para o desenvolvimento futuro do setor de saúde pública. Em resumo, as novas orientações médicas e de saúde pública da década de 1930, sob governo de Getúlio Vargas, refletiram um compromisso com a modernização do Brasil e a melhoria das condições de vida da população, marcando um período de transição e progresso na área da saúde.

É possível afirmar que o conto em questão mostra como a sociedade brasileira do início do século XX tratava os doentes de hanseníase: ocultando-os, silenciando-os e isolando-os. Seus corpos eram marcados por estigmas depreciativos que eram associados à ideia de punição divina. O avanço das descobertas no campo das Ciências da Saúde mostrou que o século XXI apresenta algumas modificações sobre o tema, principalmente através da adoção de políticas públicas na área da saúde, como as que são propostas pela Caderneta de Saúde da Pessoa Acometida pela Hanseníase.

Assim, ao estabelecer uma ponte entre a representação da hanseníase na literatura da década de 1920 e os desafios enfrentados pelas pessoas afetadas por essa doença atualmente, torna-se evidente que o estigma associado à hanseníase ainda exerce um impacto significativo na vida das pessoas acometidas pela enfermidade, no acesso ao tratamento e na sua integração social. A perpetuação desse estigma ao longo do tempo tem gerado obstáculos que perduram até os dias atuais, prejudicando a qualidade de vida e o bem-estar das pessoas afetadas. No entanto, é importante que haja cada vez mais conscientização sobre a doença para evitar que

a discriminação cause ainda mais sofrimento às pessoas enfermas.

Coelho Netto representa a doença como um reflexo da fragilidade humana e do inevitável sofrimento. Através da deterioração física dos personagens, ele espelha suas emoções e experiências, proporcionando uma visão profunda das relações humanas e das complexidades psicológicas envolvidas. Além da simples descrição clínica, a doença em "Níobe" é figurada por meio de metáforas e simbolismos. Ela serve como uma representação metafórica para a decadência moral, a perda de esperança e o peso do passado sobre os personagens

Estudar a figuração da doença em "Níobe" revela camadas complexas de interpretação. A forma como os personagens enfrentam a doença revela seus traços de caráter e motivações internas. Além disso, a doença funciona como um reflexo das condições sociais e médicas da época, oferecendo *insights* valiosos sobre o contexto histórico e cultural em que a obra foi escrita. A figuração da doença em "Níobe" não apenas enriquece a narrativa, mas também proporciona uma reflexão profunda sobre temas universais como mortalidade, vulnerabilidade humana e a busca por significado diante do sofrimento.

Considerações finais

O presente estudo destaca o papel da literatura na representação das construções sociais vigentes em uma determinada época, permitindo a análise de como certos grupos sociais eram vistos e tratados seguindo a perspectiva de quem produz o texto literário. Neste caso, o objeto de estudo consistiu no conto "Níobe", que apresenta as questões relativas à manifestação dos sintomas que caracterizam a hanseníase.

A obra é de autoria de Coelho Netto, um escritor brasileiro de origem portuguesa e indígena que, apesar de sua vasta produção literária e de seu inegável legado para a literatura brasileira, foi fadado ao esquecimento por muitos anos em virtude de desavenças com os modernistas. No entanto, seu trabalho tem sido redescoberto pela crítica, revelando escritos associados ao estilo

gótico que marcam as preocupações sociais durante o processo de modernização do País no início do século XX.

Nota-se que a estigmatização da hanseníase na sociedade brasileira do início do século XX, como evidenciada na narrativa de "Níobe", de Coelho Netto, revela um cenário de segregação social e discriminação que não afetava apenas os doentes, mas também suas famílias. A construção discursiva da doença como uma punição divina contribuía para a culpabilização dos enfermos, justificando medidas de exclusão social impostas a eles, o que reflete-se nos dias de hoje. Essa representação da hanseníase na literatura da época ajuíza a forma como o estigma e a discriminação permeavam a sociedade impactando diretamente a vida dos doentes.

É nesse cenário que o conto se ambienta, retratando a história de uma mãe que testemunha seus filhos serem atingidos pela hanseníase. No decorrer do enredo, é possível identificar que a única medida de profilaxia da doença na época correspondia à remoção dos doentes do convívio social. O isolamento, tanto institucional quanto domiciliar, era tido como um meio definitivo de impedir a disseminação da doença, simbolizando a "morte social" daqueles que eram afastados da sociedade sadia.

Logo, o texto apresenta as ideias que fundamentaram, a partir da década de 1930, a consolidação da internação compulsória em hospitais-colônia no País. Essa política de exclusão social apoiava-se na imagem bíblica e coletiva da hanseníase como uma punição decorrente do pecado e da imoralidade, além de associada à miséria e à pobreza. Isso se revela a partir dos conceitos de *mathesis*, *mimesis* e *semiosis* definidos por Roland Barthes (2013), que possibilitaram a interpretação das significações da "lepra" expressas no conto. Tais sentidos se materializaram no modo como a família lidou com o diagnóstico, o isolamento e a progressão da doença nos filhos, possibilitando uma comparação da situação deles com a realidade dos leprosários da época.

Destarte, percebe-se que a utilização das premissas elencadas por Barthes, quando apli-

cadadas à interpretação do texto literário, permitem alcançar uma compreensão de sentidos que se avoluma e adensa, propiciando um olhar interdisciplinar que associa literatura, história e saúde, trabalhando nas fronteiras dessas áreas de conhecimento e articulando uma perspectiva que mostra quais marcas discursivas em relação à hanseníase permanecem presentes na sociedade contemporânea.

Portanto, percebe-se que algumas concepções referentes à hanseníase contidas na obra deixaram de ser plausíveis no século XXI, em decorrência dos avanços no conhecimento sobre a doença e nas possibilidades de tratamento; também em virtude da abolição do isolamento social dos doentes. Entretanto, a estigmatização das pessoas atingidas pela hanseníase permanece enraizada na sociedade, o que ressalta a necessidade de se combater o discurso discriminatório contra essa parcela da população.

Referências

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Biografia – Coelho Neto*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto/biografia>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- BARTHES, Roland. *Aula*. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- BÍBLIA SAGRADA. Disponível em https://www.bibliaon.com/versiculo/deuteronomio_25_9/. Acesso em: 8 mar. 2024.
- BORDIGNON, Rodrigo da Rosa. Coelho Netto, o “homem com profissão”. *Tempo Social*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 79-100, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2020.168692>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- BRAGA-PINTO, César. O imaginário intersexual de Coelho Neto. *Novos estudos Cebrap*, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 11-36, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.25091/S01013300202200010001>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Caderneta da pessoa acometida pela hanseníase*. Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Doenças Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. 60 p.
- CARVALHO, Danielle Crepaldi. Coelho Netto (1864-1934): Uma vida dedicada à literatura. *Travessias*, Cascavel, v. 3, n. 2, 2009. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3355>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- COELHO NETTO, Henrique. Niobe. In: NETTO, Coelho. *Contos da vida e da morte*. Porto: Chardron, 1927. p. 31-37.
- FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: USP, 2002.
- GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- HOCHMAN, Gilberto. *A Era Vargas: Desenvolvimento e Modernização*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- LEANDRO, José Augusto. A hanseníase no Maranhão na década de 1930: rumo à Colônia do Bonfim. *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, v. 16, n. 2, p. 433-447, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702009000200009>. Acesso em: 12 fev. 2024.
- LIMA, Nisia Trindade. Reformas e Políticas de Saúde no Brasil: O Legado de Getúlio Vargas. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 16, n. 31, p. 107-125, 1996.
- LOPES, Marcos Aparecido. *No purgatório da crítica: Coelho Neto e o seu lugar na história da literatura brasileira*. 1997. 248f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.1997.115716>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- MARTINO, Agnaldo. A literatura como fonte histórica: a língua portuguesa pelas crônicas de Machado de Assis. *Verbum*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 72-92, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/35944/25503>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MONTEIRO, Yara Nogueira. Prophylaxis and exclusion: compulsory isolation of Hansen's disease patients in São Paulo. *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, v. 10, p. 95-121, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702003000400005>. Acesso em: 12 fev. 2024.
- MORAES, Marcos Antonio de. Coelho Netto entre modernistas. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, v. 9, n. 7, p. 102-119, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v017p102-119>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- MORAES, Péricles. *Coelho Neto e sua obra*. Manaus: Fundo Municipal de Cultura, 2016. Disponível em: https://concultura.manaus.am.gov.br/wp-content/uploads/2017/10/Coelho-Neto-e-sua-obra_para_internet.pdf. Acesso em: 10 jan. 2024.
- SILVA, Alexander Meireles da. Sob o domínio do Rei Peste: a função das doenças e epidemias no gótico brasileiro da república velha. *Revista Soletras*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 137-152, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/soletras.2014.11196>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- SILVA, Daniel Augusto Pereira. Escritas da degeneração: o gótico e a decadência em O Rei Fantasma (1895), de Coelho Neto. *Organon*, Porto Alegre, v. 35, n. 69, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.106709>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- SONTAG, Susan. *Contra a interpretação*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

VAZQUEZ, Gustavo Krieger. O gótico no regionalismo de Coelho Neto: uma forma de representação e compreensão. *Leitura*, Maceió, v. 1, n. 74, p. 89-100, 2022. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/13432>. Acesso em: 10 jan. 2024.

Márcia Maria de Medeiros

Possui graduação em História pela Universidade de Passo Fundo (1996), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1999) e doutorado em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2006). Professora titular da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) nos cursos de Turismo e Enfermagem. Tem experiência na área de História, sendo sua área de estudo a História Cultural, estabelecendo relações entre a literatura e outras áreas do conhecimento como a História e a Saúde. Coordenadora do Laboratório de Estudos Tanatopedagógicos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (LETAN/UEMS).

Douglas Junio Fernandes Assumpção

Possui graduação em Comunicação Social – Habilitação em Multimídia e Relações Públicas (IESAM, 2010, 2012), graduação em Jornalismo (UNAMA, 2017), graduação em Estética e Cosmética (UNAMA, 2022) e Licenciatura em Pedagogia (UNIFATECIE, 2024). Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) e do Programa de Pós-graduação em Administração (PPGAD) da Universidade da Amazônia (UNAMA). Pós-doutorando do Programa de Pós-graduação em Ensino em Saúde (PPGES) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e do Programa de Pós-graduação em Administração (PPGAdm) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

Nicole Rodrigues de Magalhães

Foi bolsista PIBIC-EM/CNPq em 2019-2020 e 2020-2021 na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Atualmente, está cursando graduação em Enfermagem na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). É bolsista PIBIC/CNPq e atua no Laboratório de Estudos Tanatopedagógicos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (LETAN/UEMS).

Endereço para correspondência

MÁRCIA MARIA DE MEDEIROS

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Cidade Universitária de Dourados – Caixa Postal 351,
CEP 79804-970. Dourados/MS

DOUGLAS JUNIO FERNANDES ASSUMPÇÃO

Universidade da Amazônia
Universidade da Amazônia (UNAMA), "Campus" Alcindo
Cacela – Av. Alcindo Cacela, 267 – Belém/PA – CEP
66060-902.

NICOLE RODRIGUES DE MAGALHÃES

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Cidade Universitária de Dourados – Caixa Postal 351,
CEP 79804-970. Dourados/MS.

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.